

Alexandre Herculano germanista: um tradutor e intérprete do Romantismo em Portugal

Alexandre Herculano Germanist: a Translator and Interpreter of Romanticism in Portugal

Hugo Lenes Menezes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) | Teresina | PI | BR

hugolenesmenezes.corri@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6234-267X>

Resumo: A partir da leitura do ensaio “Herculano tradutor e intérprete do Romantismo europeu”, de Fernanda Gil da Costa (2013), elaboramos o presente ensaio. Aqui, usamos o vocábulo *tradução* não apenas literalmente, ou na etimologia latina (*traductio, -onis*: transferência ou passagem), mas também livremente, no modo amplo e até figurado de *leitura, interpretação e significação*. No caso, trata-se da tradução do Romantismo, particularmente a primeira fase na Alemanha, enquanto uma mediação entre nações, línguas e culturas. Nesse contexto, objetivamos contribuir para divulgar e valorizar uma dimensão reconhecida, porém rara e ocasionalmente referenciada em Alexandre Herculano, qual seja, seu aspecto germanista, na condição de um tradutor e intérprete do Romantismo em Portugal.

Palavras-chave: Alexandre Herculano germanista; Alexandre Herculano tradutor; interpretação do Romantismo europeu; primeira fase do Romantismo na Alemanha; Romantismo em Portugal.

Abstract: From the reading of the essay “Herculano Translator and Interpreter of European Romanticism”, by Fernanda Gil da Costa (2013), we elaborate this essay. Here we use the word *translation* not only literally, or in Latin etymology (*traductio, -onis*: transfer or passage), but also freely, in the broad and even figurative mode of *reading, interpretation and signification*. In this case, it is the translation of Romanticism, particularly the first phase in Germany, as a mediation between nations, languages and cultures. In this context, we aim to contribute to disseminate and value a recognized dimension, but rare and occasionally referenced in Alexandre Herculano, that is, his Germanist aspect, as a translator and interpreter of Romanticism in Portugal.

Keywords: Alexandre Herculano Germanist; Alexandre Herculano translator; interpretation of European Romanticism; first phase of Romanticism in Germany; Romanticism in Portugal.

Herculano como que possui um espírito germânico. Por sua vez, os maiores lusitanistas são alemães, como Friedrich Diez, Wilhelm Storck, Friedrich Kuhn, Henrich Schaefer, August e Friedrich Schlegel, Christoph



Schlüter, Ferdinand Wolf, Nicolaus Delius, Friedrich Bouterwek, Wilhelm Giese, Carolina Michaëlis, Otto Taube, Harri Meier, Wolfgang Kayser, Hans Flasche, Hugo Schuchardt, Oskar Walzel, Wilhelm Wilmsmeier, Dieter Woll, Georg Lind, Dietrich Briesemeister, Herbert Minhemann, Reinhold Schneider, Wilfried Kreutzer e Rainer Hess.

(Haquira Osakabe, 1995)¹

Considerações iniciais

A partir da leitura do ensaio “Herculano tradutor e intérprete do Romantismo europeu”, de Fernanda Gil da Costa (2013), elaboramos o presente ensaio. Aqui, usamos o vocábulo *tradução* não apenas literalmente, ou na etimologia latina (*traductio, -onis*: transferência ou passagem), mas também livremente, no modo amplo e até figurado de *leitura, interpretação e significação*², no caso, trata-se da tradução do Romantismo, enquanto uma mediação entre nações, línguas e culturas, bem como uma difusão do enfocado movimento estilístico. Tal fato nos evoca de imediato uma publicação referencial de Antoine Berman, grande crítico literário e teórico do processo tradutório. Falamos do livro *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica* (2002). E, embora o movimento romântico desponte num espaço de tempo relativamente próximo na Alemanha, na Inglaterra e na França, segundo Isaiah Berlin (2015, p. 23), identificamos o seu primaz berço no país de Goethe³.

O ensaio ora apresentado, conforme mostra seu título, centra-se no polígrafo lusitano Alexandre Herculano: poeta/vate visionário, cronista poético, contista, novelista, romancista, epistológrafo, memorialista⁴, teatrólogo e crítico lítero-teatral, ensaísta/articulista versátil, folhetista/panfletista estético-literário, ímpar pensador liberal e católico renovado, jornalista enciclopedista e polemista⁵, paradigma dos arquivistas e bibliotecá-

¹ Informação obtida em aula da disciplina Grande Autor em Língua Portuguesa I (LT130), ministrada por Haquira Osakabe no primeiro semestre de 1995, durante o Curso 07, Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

² De acordo com Kanavillil Rajagopalan, “a tradução e o significado estão atrelados entre si. Há quem defenda que a transferência, quando se trata de *valores estéticos*, é possível, porém acarreta um esforço para ir além do significado” (Rajagopalan, 2001, p. 69).

³ Benedito Nunes também defende a primazia da Alemanha, “a primeira a empregar, numa conotação crítica e histórica, a palavra *romântico*, e que sela a fortuna teórica do termo” (Nunes, 1993, p. 52-53). O Romantismo, conquanto obtenha “amparo e ressonância no mundo, é alemão na sua origem e na sua essência. Nasce com o *Sturm und Drang* e morre com Heine” (Liebel, 2018, p. 114). O povo além-Reno, numa sintonia de caráter, inventa o Romantismo (Craig, 1981, p. 21-42). E, por representar a dita introspecção teuta e a contemplação do mundo/natureza, o quadro *Caminhante sobre o mar de névoa* (1818), de Caspar David Friedrich, é a imagem-síntese do ser germânico e a alegoria maior do movimento romântico (Wolf, 2008, p. 42).

⁴ A denominação *Cenas de um ano de minha vida: poesia e meditação* (1831-1832) trai porventura uma sugestão da autobiografia goethiana *De minha vida: poesia e verdade* (1811-1833).

⁵ Um estudioso o compara, “como polemista, a Görres, renano do tempo de Heine...” (Nemésio, 1934, p. 309)

rios lusos, diplomático e paleógrafo, primeiro historiador científico em vernáculo⁶, editor crítico de documentos históricos (anais, afins...)⁷ e precursor da história das mentalidades⁸, soldado revolucionário e exilado político, jurista combativo e representante público ético⁹, educador prático-democrático e, consoante a romanista alemã Carolina Michaëlis (*apud* Costa, 2013, p. 21), “magnífico tradutor adaptador”, em nível *tout court*¹⁰.

Ao registrar que as raízes da romanística germânica datam do Romantismo, também observamos que, casada com o historiador, crítico de arte e germanista português Joaquim Fonseca Vasconcelos, profundo conhecedor dos célebres tradutores M. Lutero, J. H. Voss e os irmãos Schlegel, a aludida romanista é tradutora e intérprete para assuntos da Península Ibérica no Ministério do Interior do seu país e docente de literatura alemã na Faculdade de Letras de Lisboa. Corresponde-se com o igualmente medievalista Herculano, o qual lhe disponibiliza sua residência de Bibliotecário-Mor do Reino e Diretor da Biblioteca do Palácio da Ajuda.

Num contexto pós-guerra civil contra um regime absolutista, em tempo de crise, todavia mediante duas empresas editoriais voltadas à leitura e ao aprendizado: a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis e a Sociedade Literária Portuense¹¹, Herculano consegue oferecer trabalhos seus, entre eles: versos, contos, novelas, romances, estudos eruditos, resenhas, transcrições de manuscritos e traduções, como as de composições poéticas do alemão G. A. Bürger. Após a vitória dos liberais na guerra civil em Portugal, a produção estético-literária e histórica ali se desenvolve sob os auspícios do rei consorte D. Fernando II, o germânico Ferdinand von Sachsen-Coburg-Gotha. Ao lado da esposa, D. Maria II, ele é um mecenas de jovens promessas como Herculano e uma personalidade do Romantismo lusitano¹².

Revela-se então importante que saibamos as condições de produção de determinada tradução literária, suas razões e a intenção autorial do tradutor-escritor (reescritor). O último, no dizer de Carolina Michaëlis, quando ela se refere a Herculano, corresponde ao *tradutor adaptador*. Em tal esfera, a publicação artístico-verbal de chegada (a traduzida), dada à luz em certo idioma, meios e sistema de valores definidos, conquista independência e vem a compor a criação que até na atualidade chamamos *literatura nacional*. Versos de Bürger, em tradução portuguesa, correspondem, por conseguinte, a um trabalho luso de arte da

⁶ Ao lado de órgãos congêneres, o historiador lisboeta integra a Real Academia de Ciências da Baviera (Munique / Alemanha). Ademais, seus *Portugaliae monumenta histórica* (1856) são inspirados nos *Monumenta germaniae histórica* (1826), editados por Georg Pertz e Georg Waitz.

⁷ Nosso autor estimula muitas ciências auxiliares da história, como a numismática.

⁸ Herculano reconstitui antigos ambientes, costumes e ideias da vida cotidiana, notadamente num gênero tipicamente romântico, cuja forma e substância ele traduz (capta) e introduz no idioma pátrio: o romance histórico.

⁹ Fora do mundo intelectual, Herculano é ainda “internacionalmente premiado oleicultor, viticultor, ecologista, defensor da preservação dos monumentos e edifícios históricos, promotor do cooperativismo agrícola e defensor dos desprotegidos e injustiçados” (Santana, 1999, p. 2).

¹⁰ Por trabalharmos, também, a tradução *lato sensu* (leitura, interpretação e significação de quaisquer sistemas comunicativos), a expressão *tout court* indica a tradução *stricto sensu*, ou especificamente de textos verbais.

¹¹ Seus respectivos periódicos são as revistas *O Panorama* e *Repositório Literário*. Da mesma linha empresarial/editorial das citadas revistas é a Sociedade Tradutora e Encarregada do Melhoramento da Arte de Imprimir e de Encadernar.

¹² Chamado o rei artista, por preferir a cultura à política, D. Fernando II tem por conselheiro o alemão C. A. Dietz, que, assim como Herculano, é preceptor do futuro monarca D. Pedro V, filho do casal protetor das letras e artes.

palavra, do mesmo modo que o Shakespeare de Vasco Graça Moura não deixa de ser uma produção de lavra do país de Camões. Aqui se situa, eminentemente, a área de encontro, ou integração, entre a teoria literária e a linguística aplicada à tradução. Senão, vejamos:

[...] as alterações relativamente ao texto de partida (original) não dizem somente respeito a fatores linguísticos, mas também extralinguísticos. E até hoje, infelizmente, esses dados só são recolhidos e conhecidos nos casos em que os tradutores literários se destacam [...] noutras áreas da cultura [como o nosso polígrafo Herculano]. Trata-se, regra geral, de tradutores com obra literária consagrada (Nunes, 2006, p. 102).

O processo tradutório

Em sua generalidade, o processo tradutório, que integra a natureza da linguagem, é inerente ao ser humano, a começar pela percepção circundante, através da qual os dados da realidade, quando aportam ao intelecto, são convertidos em signos, viabilizadores do raciocínio e da comunicação. Aliás, para o crítico literário George Steiner, no clássico *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução* (2005, p. 72), tal processo está “formal e pragmaticamente implícito em todo ato de comunicação, na emissão de qualquer modo de significação, seja no sentido semiótico mais amplo ou nas trocas verbais mais especificamente”. Outro estudioso da literatura, no ensaio “Pensar a língua: a tradução como mapa do mundo e reconhecimento do outro” (2021), aprofunda algumas ideias pertinentes expostas por ele na conferência de abertura da XXXVIII Semana do Tradutor da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no *campus* São José do Rio Preto (SP) / Brasil, em 2020. Referimo-nos a Márcio Scheel, que ressalta o fato de o procedimento *tout court* de traduzir sempre ganhar:

[...] amplitude e força significativa no interior das línguas e culturas de chegada [...]. O conhecimento de si implica e envolve, em larga medida, a alteridade [...]. E a tarefa do tradutor, desde que Walter Benjamin a formulou [...], não é a de simplesmente comunicar [...], antes, a tarefa do tradutor é restituir, na tradução, aquela dimensão essencial da obra ou das ideias [...].

É por essa razão que [...] Goethe propôs [...] uma *Weltliteratur*, uma literatura mundial. [...] Izabela Kestler afirma que “Goethe entende *Weltliteratur* [...] como “intercâmbio e comunicação intercultural, nos quais se manifestaria o que há de comum entre as diferentes culturas, sem que se apague a individualidade que se baseia em diferenças nacionais”. [...]

O projeto de uma literatura mundial envolve, desde Goethe, a ideia da tradução como uma ponte, um caminho possível, trilhável, esse mapa do mundo (Scheel, 2021).

A tradução *tout court*, literária e cultural, além de um acesso secundário à produção estrangeira, é uma arte discursiva/textual que recria, na língua do leitor/receptor, o *espírito da língua* de partida, tornada assim como que mais poderosa. Essa técnica detém possibilidade criativa igual à da elaboração das obras de arte verbal ou não verbal, apesar do lugar-comum de ser o tradutor um escritor frustrado. Lembramos que nos Setecentos a tradução é elevada à categoria de arte e classificada como gênero literário (Santana-Dezmann, 2016,

p. 91). Já a adaptação, a tradução intersemiótica (Plaza, 2003), diz respeito a mais de uma *semiose* (Pierce, 2005) e ocorre pela mudança de suportes/meios. Mostra-se (re)criação de maior ousadia, com alterações formais e sígnicas, ou a transposição de um sistema significante a outro: por exemplo, do literário ao cinematográfico ou televisivo, numa realização do próprio pelo alheio, conforme Marie-Hélène Paret Passos em *Da criação genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade* (2011). De modo particular e em termos de produções estético-verbais, a teoria, a crítica e a história da literatura, enquanto leituras e (re)escritas especializadas, podem ser encaradas como formas de tradução.

Conjuntamente, o teórico, o crítico e o historiador das letras, nas suas especificidades, são intérpretes. Nesse sentido, o germanista brasileiro Constantino Luz de Medeiros (2018, p. 11-13) observa que o apontado aspecto literário triádico remonta à primeira fase do Romantismo alemão: as obras *Sobre o estudo da poesia grega* (1795-1797) e a *Doutrina da arte* (1801-1802), respectivamente de F. e A. Schlegel, ambos copiosos tradutores *tout court*, são de alta relevância para a reconfiguração da teoria, da crítica e da história da arte verbal¹³. Isso porque semelhantes trabalhos firmam diferenciação entre a cultura clássica, precipuamente a gálica do *Ancien Régime* e a cultura moderna dos românticos, sobretudo dos germânicos¹⁴. Os últimos rompem tal regime sociopolítico aristocrático, também, pela luta contra o cosmopolitismo abstrato, pela apreensão do hegeliano *Volksgeist*, antecipado pela concepção historicista herderiana¹⁵, e em excursos metaliterários, pela técnica do distanciamento reflexivo entre o narrador, o texto e o público leitor, cujo desenvolvimento abrange a tradução *lato e stricto sensu*¹⁶. No derradeiro caso e em outras palavras, abordamos o princípio estético da ironia alemã.

¹³ O talento de A. Schlegel, discípulo de Bürger, que lhe ensina tradução de línguas clássicas e modernas, “evidencia-se na sua monumental tradução das obras de Shakespeare, até hoje inigualável. Esse trabalho que, mais que traduzir, procura transcriar o texto do poeta inglês, representa, também em si, uma mensagem do Romantismo” (Heise; Röhl, 1986, p. 46-47). Ademais, A. Schlegel é conhecido por suas traduções de Petrarca, Dante, Tasso, Ariosto, Camões, Lope de Vega e Calderón de la Barca, com *Florilégio de literatura italiana, espanhola e portuguesa* (1804), além de haver traduzido, de lendários autores do século IV a.C., os épicos sânscritos *Bhagavad Gita*, de Vyasa, e *Ramayana*, de Valmiki.

¹⁴ O fim do Império Carolíngio (843) origina o que são hoje a França e a Alemanha, inimigas seculares. A vitória teuta na Guerra Franco-Prussiana (1871) e o Tratado de Versalhes (1919) acirram o antagonismo e a rivalidade entre os dois países até o Pós-Segunda Guerra Mundial. Por oportuno, assinalamos que, no século XX, vem a se contrapor ao Impressionismo gálico a vanguarda expressionista. Essa, com o *Sturm und Drang* e o Romantismo, configura um movimento icônico dos alemães.

¹⁵ Os (pré-)românticos alemães explicam a história dos povos por um espírito constituído de traços subjetivos de cada um deles: a sua verdade íntima, ou o *Volksgeist*, numa unificação quase mística da alma do autor à alma nacional e em complementariedade à ciência.

¹⁶ No (Pré-)Romantismo, vários são os intelectuais teutônicos que se voltam à tradução, entre eles: Wieland, primeiro tradutor de obras de Shakespeare para o alemão; Tieck, tradutor de *Dom Quixote* (1605), de Cervantes, e de peças shakespearianas; Schleiermacher; Lessing; Herder; Novalis; Hölderlin, tradutor de *Édipo* (427 a.C.) e *Antígona* (442 a.C.), de Sófocles; J. H. Voss, tradutor de *Iliada* (séc. VIII a.C.) e *Odisseia* (séc. VIII a.C.), de Homero; W. Humboldt; os irmãos Schlegel e Goethe. Schleiermacher (2001, p. 26-87) fixa um método etnocêntrico de tradução, correspondente ao ideal francês de civilização, ao qual o estrangeiro, o diferente, tem de se amoldar; bem como um método estrangeirizador, que busca para si o outro, o estranho, e corresponde ao ideal alemão de cultura.

A tradução e a ironia alemã

Particularmente, enquanto tradução, interpretação e significação em nível de comunicação verbal, a ironia alemã tem em E.T.A. Hoffmann o mestre-cultor no solo de origem e torna-se característica da narrativa-ensaio: *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (1795-1796), de Goethe; *Siebenkäs* (1796-1797), de Jean Paul; ou *Lucinde* (1799), de F. Schlegel. A carregar a herança teuta e como marca da modernidade de um Thomas Mann, especialmente em *Dr. Fausto* (1947), o mencionado princípio equivale ao narrador onisciente intruso (Friedman, 1967, p. 119-120). E a ironia alemã já é preconizada por F. e A. Schlegel, mormente nos aforismos e ensaios curtos ou *Fragments sobre poesia e literatura* (1798), do primeiro autor¹⁷. Tais escritos – uma inovação diante da tradição de postulados teóricos – surgem num dos periódicos os quais vão fundar o Romantismo: a revista *Athenäum*, que F. Schlegel dirige de 1798 a 1800 e que, como claro manifesto, é “por vezes doutrinário” (Safranski, 2010, p. 15), além de ser baseado no idealismo da subjetividade e consciência, ou do ego autoconsciente, de J. Fichte, e nas suas ramificações em outros teóricos, notadamente F. Schelling e Novalis¹⁸.

A tradução e a circulação de conceitos (pré-)românticos

No país de Goethe, a partir da fase setecentista finissecular, sistematizados por teóricos/pensadores da tradução, como Herder e os irmãos Schlegel, circulam vários conceitos (pré-)românticos seminais, a exemplo de: intuição, inspiração, liberdade de expressão/composição, originalidade, a supracitada ironia, gênio criativo, visão de mundo, absoluto, idealismo, autenticidade, empatia, mal de Werther, espírito do tempo, espírito da nação ou do povo, espírito da língua, filosofia da filologia, nova mitologia, folclore, cultura/sabedoria e canções populares, tradição oral, poesia ingênua, poesia sentimental, poesia da poesia, romance (poesia universal progressiva)¹⁹, modernidade, contos de fadas²⁰, origens da nação, estado-nação, nacionalismo (termo cunhado por Herder), historicismo (vocábulo empregado à primeira vez por Novalis [2018, p. 173])²¹, tradução e viagem/travessia (enquanto formação), todos seguidos de publicações como *Da Alemanha* (1810), da Baronesa de Staël²² e

¹⁷ No nosso ficcionista Herculano, a citada técnica se traduz na novela-ensaio “O pároco de aldeia”, de *Lendas e narrativas* (1851).

¹⁸ A concepção *fichtiniana* contribui para o conceito romântico da autonomia da criação literária.

¹⁹ Nessa acepção, o romance é um mosaico de formas (novela, poema, carta, drama, aforismo etc.) em permanente devir, a depender somente da “genialidade” do artista literário e a ilustrar o conceito de *poesia universal progressiva*, de F. Schlegel.

²⁰ Como o romance, os contos de fadas, por sua natureza antimimética, são colocados no centro da poética romântica, que tende para o irracional, o miraculoso e o feérico, enquanto o oposto do banal, mundano e prosaico. Na formação alemã (*Bildung*) da nacionalidade/germanidade (*Deutschheit*), tais contos são recolhidos e reelaborados de antigas narrativas folclóricas pelos irmãos J. e W. Grimm, bem como por Tieck, cuja coletânea *Contos de fadas populares* (1797), com forte presença de elementos macabros, é um dos marcos fundadores do Romantismo teuto. Em língua portuguesa, o fenômeno também se manifesta, conforme exemplifica o resgate e a recriação da lenda medieval “A dama pé de cabra” por Herculano.

²¹ Novalis. *Sämtliche Werke III*. Illinois (EUA): AbeBooks, 2018, p. 173.

²² Anne-Louise Germaine Necker, parisiense que se casa com o Barão Erik Magnus Staël von Holstein, descendente de antiga família da região alemã da Renânia. Discípula de Herder e germanista francesa, que em

de viagens dessa germanista junto a outro pertinente teórico, A. Schlegel, ministrante de conferências esclarecedoras.

A tradução e o Pré-Romantismo na Alemanha e em Portugal

Embora o Pré-Romantismo alemão seja uma antítese ao conhecimento racional, o aspecto humanizante-educacional da *Aufklärung* prenuncia o movimento romântico (Falcon, 1994). Dentro da preocupação iluminista com o esclarecimento do público, os românticos tomam para si a função de educadores dos contemporâneos. Mesmo porque, o Romantismo “mais parece um fato social, *paidêutico*, formativo e filosófico, do que um fato exclusivamente artístico” (Ferreira, A., 2007, p. 36). Aqui, a formação de um leitorado, inclusive de tradução, se associa a um vasto e basilar projeto educativo-cultural. Trata-se da Lei da *Bildung*, que interpretamos como um conjunto de experiências e vivências sociopolíticas e espirituais: valores e gostos, a moldar o indivíduo (Berman, 2002). Recordamos que Schiller é o autor de *A educação estética do homem* (1795). E os retromencionados conceitos esclarecedores se encontram traduzidos, propagados e, entre tantos países caudatários dos grandes polos ocidentais, chegam a Portugal, sobretudo na bagagem da viajada/exilada Condessa de Oeynhausen, posteriormente Marquesa de Alorna²³.

Erudita antidéspota e devotada à cultura, a germanizante lusíada, que se espelha na Baronesa de Staël, é também tradutora *lato e stricto sensu*, livre pensadora que atua entre o Século das Luzes e os Oitocentos. Designada Alcipe – seu pseudônimo árcade – ou Staël Portuguesa (Herculano, 2006), no seu país é insigne figura do Pré-Romantismo, fase cismática e de transição, paralelamente à despedida do Neoclassicismo. Da dominante França do *Ancien Régime*, ela desloca a fonte inspiradora para culturas europeias como a britânica e, mais ainda, a sua alma irmã germânica, através de traduções e/ou adaptações de Wieland, Bürger, Karl Ramler, J. Cronegk, Herder e Goethe²⁴. Por sinal, há algo dos *Volkslieder* nas cantigas da Marquesa. Tudo isso ela desenvolve após um longo divórcio entre o Portugal da Inquisição moderna e a Alemanha da Reforma Protestante. No feudal Sacro Império Romano-Germânico dos considerados déspotas esclarecidos e sob um lirismo teuto-inglês (Ossian/Macpherson²⁵, Young, Shakespeare e o próprio gênio nacional), o Pré-Romantismo é um movimento renovador pontual (1770-1785) entre jovens ditos selvagens, ou indisciplinados²⁶, quando levamos em conta a inversa autoimagem alemã propagada a todo o mundo: personificação do autocontrole, pendor à circunspeção, senso de disciplina e rigor.

Weimar e Jena convive também com Goethe, interpreta para o mundo, inclusive nos salões culturais dela, a alma alemã e as fontes nórdicas associadas aos estudos germânicos.

²³ Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, lisboeta que contrai matrimônio com o conde Karl Peter Maria Joseph August von Oeynhausen-Gravenburg, do estado alemão da Baixa Saxônia.

²⁴ Em meio à imitação do texto de partida, prática típica do Neoclassicismo/Arcadismo, as traduções de Alcipe atingem certa liberdade pré-romântica. João Gaspar Simões (1956, p. 93-94) reconhece que as obras tradutórias de uma Marquesa de Alorna e de um Bocage são determinantes na gênese do Romantismo lusitano.

²⁵ A Marquesa de Alorna chega a traduzir fragmentos dos cantos ossiânicos.

²⁶ Segundo Ofélia Paiva Monteiro: “As literaturas inglesa e alemã são menos invadidas pela *compostura* neoclássica” (Monteiro, 2001, p. 423).

Tal movimento é o *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), que traduz o clima de agitação, rebeldia e busca de emancipação político-cultural de então²⁷. Oriundo do drama homônimo lançado em 1776 por F. Klingler, que toma todas as liberdades contra o teatro clássico²⁸, e com apelo à expressão individual paroxística (tumultos interiores), à simplicidade e ao nacionalismo, o Pré-Romantismo alemão combate a normativa tutela, a moral aristocrática e engessada do Classicismo francês. Ao dar vazão aos espectros e terrores recalçados pela *Aufklärung* e o Iluminismo gálico, semelhante período literário tem por essência a lei dos intempestivos impulsos, a ardente invenção e o gênio, sobrepostos à mediocridade e assentados no passionalismo irracional, no primitivismo e na conseqüente recusa da chamada civilização. Numa indiferenciação inicial entre romance e novela, o protótipo do *Sturm und Drang* localizamos na narrativa intitulada *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Goethe²⁹, que se despede do enfocado movimento com a peça *Fausto* (1775).

Enfim, o Romantismo: relações luso-germânicas

No vernáculo lusitano, a obra de imaginação de Herculano, como a exclamativa poesia de linguagem exaltada e a ficção histórica *noir* e trágico-passional, provém do *Sturm und Drang*, cujo discurso se desdobra num ciclo lírico de Novalis: os *Hinos à noite* (1800). Consoante afiança José-Augusto França (1993, p. 95), “os portugueses são iniciados no Romantismo pelos alemães: é a escola de Alcipe”, de quem a atribulada história mantém correlação com o mesmo movimento de transição. Na escola de Alcipe e nos seus salões culturais, após vivenciar a Revolução Francesa (1789) e fundar uma secreta sociedade político-literária contra o imperialismo bélico napoleônico, a Staël Portuguesa incentiva a adesão à literatura e à historiografia teutônica por parte de Herculano, o qual vai tornar-se no país de Camões o pioneiro teórico sistematizador do Romantismo e um intérprete das suas ideias de ruptura e transformação, por via de folhetos/panfletos literários e ensaios pertinentes.

Esses textos programáticos, tributários do platonismo e da filosofia estético-moral de Kant, são os seguintes: “Qual é o estado da nossa literatura? Qual é o trilho que ela hoje tem a seguir?” (1834); “Poesia: imitação – belo – unidade” (1835), no *Repositório Literário* e depois reunidos nos *Opúsculos*, tomo IX (1908), destinado à arte verbal³⁰; bem como o texto “Poesia” (1837), no volume I da edição 8 de *O Panorama* (Herculano, 1837)³¹. No primeiro ensaio, Herculano faz uma sondagem das letras lusíadas e indica uma solução para a sua

²⁷ O *Sturm und Drang* reflete o ideário da Revolução Americana de 1776 e, em Portugal, a expressão é traduzida por Carlos Reis e Maria Natividade Pires (1999, p. 15) como *Alarme e luta*.

²⁸ Para ilustrar, temos a abolição de um léxico aristocrata, da lei das três unidades (tempo, espaço e ação), da antinomia clássica tragédia/aristocracia, comédia/burguesia, em adesão às concepções shakespearianas. Até porque, no dia a dia, os ingredientes cômicos e trágicos se interpenetram.

²⁹ Primeiro *best-seller* europeu e marco da prosa moderno-burguesa, *Werther* é revisitado por Thomas Mann em *Carlota em Weimar* (1939).

³⁰ Em “Poesia: imitação – belo – unidade”, o ensaísta comenta a teorização estético-literária dos irmãos Schlegel. Conforme um crítico luso, naquele texto estamos diante do manifesto romântico herculaniano, que “tem importância capital para a história das fontes germânicas do Romantismo em Portugal” (Nemésio, 1934, p. 319).

³¹ Maior veículo do ideário romântico em Portugal e de divulgação dos vários Romantismos europeus, no novo nível de periodismo liberal, *O Panorama*, semanário cultural, educativo e ilustrado, é dirigido por Herculano e, apesar de popular, é enciclopédico como a revista alemã *Athenäum*.

conjuntura de atraso: o esclarecimento, a difusão de pensamento, pela leitura e por meio da tradução de publicações das literaturas do exterior, em especial, do Romantismo alemão. No segundo ensaio, procura definir os seus pressupostos estético-literários: de maneira igual aos teutos, ele rejeita a arte mimética e adota a teoria platônica³². Cumpre-nos assinalar que, na nova sociedade liberal/antifeudal, a identificação de Herculano com o estilo romântico se manifesta mais tardiamente que a do seu irmão de armas, A. Garrett. De onde Herculano haver se libertado melhor do Classicismo e o seu lugar no espaço pátrio estar superiormente definido durante o primeiro movimento estilístico oitocentista, do qual ele nos dá uma perfeita tradução³³.

O romântico Herculano: tradução e interpretação num germanista

Num dos tópicos anteriores, observamos que um dos conceitos que circulam no debate do momento cultural em evidência é a originalidade, a qual os germânicos incorporam paradoxalmente, como modelo ou paradigma do ente inventivo, ao ideário da escola romântica. Semelhante modelo ou paradigma é conhecido na Alemanha como *Originalgenie* (gênio original ou originalidade engenhosa), uma categoria estética fundamental ou um dos *leitmotivs* do movimento pré-romântico *Sturm und Drang*. Esse também é conhecido pelo termo epocal *Geniezeit* (Tempo do Gênio), ainda nos últimos decênios da centúria do Iluminismo e antes da data natalícia de Herculano, com a multiplicidade de facetas que contribui para a sua profunda originalidade e permanência. A respeito de tamanha figura prismática e do momento histórico, dominado no Ocidente por uma tradição cortesã de referência francesa, a autora do ensaio-fundamento do presente texto destaca o fato infracitado:

A verdade é que original e réplica, sabemos hoje em pleno período pós-moderno, são conceitos simétricos e também sobrepostos, abordagens dialogantes e abertas de fenômenos complexos e intimamente contraditórios. Evidenciar as relações de Herculano com as culturas europeias, sobretudo com a alemã, a que *mais admirou*, é assim uma forma de sublinhar a sua singularidade (Costa, 2013, p. 19, grifo nosso).

Tal singularidade podemos verificar no proceder de Herculano em relação à conduta daquele com quem se irmana em importância na tradução, implantação e afirmação

³² Nesse texto, o seu autor empreende uma teorização do Romantismo cuja essência está na defesa do *Volksgeist*, ideia que ele traduz por *índole nacional* e que, posteriormente a nos evocar a *Paideia* grega, vem a encontrar uma variante no conceito de *Paideuma* (alma da cultura), do etnólogo alemão Leo Frobenius, em 1921. Herculano, numa profissão de fé, assim preconiza: “Diremos somente que somos românticos, querendo que os Portugueses voltem a uma literatura sua [...]; que amem a pátria mesmo em poesia; que aproveitem os nossos tempos históricos, os quais o Cristianismo, com a sua doçura, com o seu entusiasmo, e o caráter generoso e valente dos homens livres do Norte que esmagaram o vil império de Constantino, tornaram mais belos que os antigos [...]; que substituam os versos dos Gregos por nossa mitologia nacional na poesia narrativa; e pela religião, pela filosofia e pela moral na lírica” (Herculano, 2006).

³³ Herculano, como introdutor do Romantismo, realiza no domínio poético “verdadeira revolução na Literatura Portuguesa, substituindo os temas amorosos e egotistas por motivos de inspiração religiosa e cívica, na expressão dos quais converge a influência dos poetas germânicos (Klopstock, Schiller e Bürger podem considerar-se mestres), e a experiência colhida durante a emigração e a guerra civil” (Ferreira, M., 1998, p. 48). Trata-se da herança tedesca da concepção do poeta/profeta, apóstolo iluminado e herói da sua gente.

do Romantismo em Portugal, mas de quem difere nas idiossincrasias e no *modus vivendi*. Enquanto Garrett, com atitude de Don Juan, é um dândi que encobre a idade sob cabelos pintados, espartilho e coletes mirabolantes, enfim, todo artificial, Herculano é um *démodé* que, sem desalinho, se veste com austera simplicidade, despreza a excentricidade cênica garrettiana e sacrifica na juventude a vida amorosa em favor da carreira literária. Não obstante, um e outro acentuam traços da mentalidade letrada da primeira metade oitocentista. Peculiarmente, distinguimos o aspecto romântico do individualismo libertário, que, associado a uma natureza esteticista, conduz ao janotismo de Garrett e, no companheiro, constrói o inspirado caráter profético à la Klopstock. Ambos os comportamentos nos remetem a duas vertentes ocidentais de cultura: a latina e a germânica.

Garrett, que traduz o espírito latino, nomeadamente o francês, aproxima-se do *grand monde*; aprecia o luxo, os salões sociais, e a sua vida pessoal se inclina ao aristocrático. Aliás, ele chega a inventar o último sobrenome para se afidalgar. Já Herculano é um plebeu assumido e corporiza o modelo de homem caro aos românticos: o burguês *self-made man*, que cresce por si e, no caso, se faz pelo convívio com personalidades intelectuais, pela exegese documental e o conhecimento de línguas, o que intensifica a sua abertura para além dos franceses, fato não corrente à época em Portugal. Desvelado leitor de T. Mommsen, F. Savigny, J. Döllinger (com quem se corresponde), L. Ranke (também pelo método e rigor), B. G. Niebuhr (a quem é comparado), K. Eichorn, J. Aschbach, W. Humboldt, F. Lembke, H. Schaefer, J. Lappenberg, F. Raumer, W. L. Eschwege, F. Wilken, H. Leo, J. Hammer-Purgstall, Herder, Bürger, Schiller (que ele considera um dramaturgo exemplar), Klopstock, Kant, e outros alemães, com os quais se educa até como discípulo, Herculano, ao contrário de Garrett, é sóbrio, rústico nos seus prazeres e leva uma vida recolhida, de reflexão/meditação. Em outras palavras: Herculano traduz o espírito (sobretudo o *ethos*) teutônico, de acordo com a tão apregoada autoimagem alemã.

A propósito, o germanista lusófono Sílvio Romero, historiador positivista da literatura brasileira, dedica o seu livro *A pátria portuguesa* (1906) também a Herculano, a quem muito enaltece, diversamente a um compatriota, coestaduano/sergipano e parceiro de Romero: o pedante alemanófilo e historiador de ideias Tobias Barreto. Esse último, embora procure, assim como o nosso polígrafo, deslocar o hegemônico centro irradiador de cultura da França para a Alemanha, no ensaio “Sobre um escrito de A. Herculano” (1889, p. 47-89), julga negativamente o mestre português fora das suas condições de atuação. Na esteira de outro positivista, qual seja, o luso Teófilo Braga, que polemiza com Herculano e Romero, insere-se Barreto na geração social, condoreira ou hugoana no Brasil, e posiciona-se numa circunstância de transição. Ele é um pré-realista/naturalista que desqualifica um romântico de primeira hora e o único, entre os grandes lusitanos oitocentistas, a permanecer como um modelo estável de homem do seu tempo e do seu país, independente do julgamento que, anacronicamente, um positivista possa empreender e que inviabiliza sustentar a qualidade absoluta da obra herculaniana³⁴. E o romancista de *Eurico, o presbítero* (1844) ainda é desqualificado na sua dimensão germanista, pelo mesmo historiador de ideias, quando tal faceta, apesar de menos visível, é reconhecida por parte dos maiores estudiosos de Herculano.

³⁴ Daquela época antirromântica são representativas as produções nas quais, conforme diz Antônio Soares Amora (1959, p. XII), “é evidente a preocupação de reduzir a importância de Herculano, principalmente como historiador”.

No entanto, tal reconhecimento segue, com pouca substância, uma recorrente fórmula, em que sobejam afirmações sem maiores explicações e sem uma sistematização do assunto. Nesse ponto, até por sabermos que, antes de Herculano, é praticamente a Staël Portuguesa quem traduz aos patrícios o espírito do Romantismo, fazemos honrosa exceção a Vitorino Nemésio numa publicação de 1934, ainda hoje marcante e irretocável. Falamos de *A mocidade de Herculano até a volta do exílio (1810-1832)*, mais precisamente o capítulo intitulado “O magistério de Alcipe e a iniciação germanística”, a que o estudioso lusíada confere acentuado relevo na formação do biografado e na sua atenção às letras estrangeiras, em particular à teutônica. No enfoque do estudo de Nemésio, constata a ensaísta que nos motiva, no momento, o seguinte em relação a Herculano:

As fontes para a compreensão do seu percurso literário, do seu gosto e opções encontram-se aí, embora continuem a faltar elementos que nos permitam conhecer com exatidão até que ponto aprofundou algumas das suas tendências e opções. É possível até certo ponto situar o momento mais intenso de estudo da língua alemã e de interesse pela tradução de algumas obras, pelos meados da década de 1830, embora os dados rigorosos escasseiem, mas parece pertinente aceitar que o autor estudou o alemão ainda muito jovem (Costa, 2013, p. 20).

Em nível de cultura teuta, das traduções *tout court* de Herculano, ao lado de uma que ele efetua em 1834 de “O cavaleiro de Toggenburg” (1797), balada *noir* de Schiller, destacamos três da obra *Poesias* (1850)³⁵, todas de versos da sua preferida língua alemã³⁶, na qual tem proficiência de leitura. Podemos assegurar que ele conhece o bastante do idioma tanto para traduzir quanto para discorrer acerca da sua profundidade gramatical³⁷. Nomeadamente, as três aludidas traduções são a de um fragmento da epopeia *Messíada* (1748), de Klopstock, e as das baladas de Bürger: “O caçador feroz” e “Leonor”, que recebem adequados ritmos lusitanos. Até porque, essa última composição, segundo Herculano, alcança alta recepção entre os literatos e os leitores populares germânicos também em face da contribuição de tal balada ao resgate de tradições nacionais, inclusive, rítmicas (Costa, 2013, p. 22-23). Por Inocêncio da Silva (1858), Vitorino Nemésio (2003), entre outros, é atribuído a Herculano um início de tradução do primeiro e frutífero romance gótico alemão, escrito por Schiller: *O fantasma* (1789, inacabado), obra também conhecida entre nós como *O visionário*, *O espírito vidente*, *O fantasma profeta* e *O aparicionista: das memórias do Conde de O*** (Oliveira, 2008, p. 95-96). Além disso, na *Folha do Norte*, de Belém do Pará / Brasil, Rúbia Santiago (2013, p. 75-6) localiza duas traduções herculanianas de composições no idioma de Goethe: o poema “A pátria”, de Hölderlin, e o canto/ária “Morte de Isolda”, de Richard Wagner.

A evocar-nos uma futura escola moderna de tradutores, a École Supérieure d’Interprètes et de Traducteurs (ESIT), chamada Escola do Sentido, e anteriormente à produção histórico-ficcional de Herculano, as suas supramencionadas traduções demons-

³⁵ Publicação dividida em *Livro I, II e III*: respectivamente *A harpa do crente* (reedição da coletânea homônima de 1838), *Poesias várias* e *Versões* (traduções).

³⁶ De outros idiomas, ver traduções herculanianas no Apêndice A.

³⁷ Vejamos: “Considerai, por exemplo, a língua alemã: é um idioma perfeitamente acentuado: os vocábulos escritos correspondem rigorosamente aos falados: não há aí luxo inútil de letras: todas se proferem: todas representam um som ou uma articulação. Os caracteres do alfabeto nunca serviram para enganar o estrangeiro. Não achais nisso uma expressão do ânimo leal, franco e singelo daquele povo? *A Deutsche Treue, a fê germânica*, não se reflete, como em um espelho, na língua desse país” (Herculano, 1934, p. 20. Atualizamos a ortografia).

tram uma singularidade, em termos de intérprete, e uma originalidade no uso das fontes. Com as últimas, Herculano mantém fértil diálogo insubmisso nas traduções, as quais ele chama de “versões”. Isso talvez se deva à sua criativa independência, como que absoluta, no processo tradutório, adaptado ao recém-formado leitorado luso, inclusive de jovens. Entretanto, Herculano assim procede sem esquecer a estranheza da cultura alheia, numa nítida competência para inovar e seduzir, mormente sob a experiência de leituras em bibliotecas gálicas e anglo-saxônicas, na condição de exilado político. Em diferente forma de dizer, Herculano segue:

[...] o pensamento mais inovador dos seus contemporâneos europeus que importam novos e fecundos modelos para revigorar as letras das línguas nacionais espartilhadas pelas poéticas de inspiração greco-latina e antecipa, de facto, opções nos estudos de tradução como os da Escola de Telavive e outras do século XX [...], para introduzir a novidade e a progressão dentro do sistema literário praticamente esgotado pelo Arcadismo e os seus epígonos, incapaz de se impor a um público aburguesado e ansioso por novos cânones de leitura (Costa, 2013, p. 23).

Em tal direção, ao lançarmos holofotes sobre o ângulo germanista herculaniano, já Fidelino de Figueiredo nos ensina: “É preciso redescobrir Herculano em toda a sua complexidade, inclusive, na sua relação com culturas estrangeiras, na sua descoberta de mundos literários diversos” (Figueiredo, 1946, p. 25). Ainda no tocante a Herculano, enquanto autor de uma obra de projeção internacional, traduzida para línguas modernas, como o alemão, e enquanto tradutor/intérprete do Romantismo em Portugal, particularmente do ideário teutônico, Fernanda Gil Costa, sempre no ensaio que constitui o ponto de partida do trabalho ora exposto, assim se pronuncia:

[...] Herculano é [...] um factor de multiplicação e dinamização de inovações que mantém vivo e activo o sistema literário português depois da guerra civil e do exaurido Neoclassicismo. [...] [Ele] aproveita os seus conhecimentos de línguas vivas [...] para escancarar, como hoje diríamos, em plena crise, a janela de oportunidade que o conhecimento do “outro”, do estrangeiro, lhe pode trazer. Não pode hoje haver dúvidas sobre o seu contributo para o rasgar de horizontes das letras nacionais e para a fundação de um movimento romântico intrinsecamente português (o seu papel como historiador é igualmente incontornável nesse contexto) que não foi cego ao Romantismo europeu (Costa, 2013, p. 24).

Por fim, em arremate ao comentário acima, sublinhamos que, na qualidade de expatriado, desterrado, com conhecimento *in loco* de povos dessemelhantes, e autointitulado “Trovador do exílio”, Herculano dispõe de muitas produções concernentes a distintas culturas (Ver Apêndice B). Isso ocorre afora os seus textos reflexivo-argumentativos em torno da tradução (Ver Apêndice C), cuja teoria se desenvolve sobretudo a partir do Romantismo e cuja retórica encontra premissas no ciceriano *De optimo genere oratorum* (46 a.C.). Até porque, naquela espécie de manual, é prescrito um conjunto de procedimentos enunciativos julgados necessários à práxis aqui versada. Na mesma seara, cabe-nos ressaltar que, embora não possua no discurso falado o domínio do registro oratório, como o companheiro de luta Garrett, cognominado o “Cícero Português”, nos seus escritos Herculano domina processos retóricos.

Entre tais processos, podemos mencionar a polêmica, a persuasão histórico-científica e a ironia, inclusive, a alemã, haja vista o aspecto germanista de Herculano, notadamente atento à primeira fase do Romantismo no país de Goethe. Essa dimensão herculaniana, ou do “Tácito Português”³⁸, é reconhecida, porém rara e ocasionalmente referenciada. Outrossim, em apresentações, introduções e prefácios para versões/traduições dele ou não; em ensaios, resenhas críticas, notas de rodapé e digressões, Alexandre Herculano deixa claro que dispõe de outro dote intelectual de Cícero, qual seja, o de exímio tradutor e intérprete, tanto *tout court* ou *stricto sensu*, quanto *lato sensu*, agora no estilo de época da metade inicial dos Oitocentos lusos.

Referências

- AMORA, Antônio Soares. Propedêutica para os leitores de Herculano. In: AMORA, Antônio Soares. *Monumentos literários da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1959. p. XII.
- ARMELIM JUNIOR, Manuel Veloso de (Org.). *Trechos literários de Alexandre Herculano e cartas*. Lisboa: Tipografia Leiria, 1910.
- BARRETO, Tobias. Sobre um escrito de A. Herculano. In: BARRETO, Tobias. *Ensaio e estudos de filosofia e crítica*. 2. ed. corr. e aum. Recife: J. Nogueira de Souza, 1889. p. 47-89.
- BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- CICÉRON. *Orator. De optimo genere oratorum*. L'orateur. Du meilleur genre d'orateurs. Texto estabelecido e traduzido por Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.
- COSTA, Fernanda Gil. Herculano tradutor e intérprete do romantismo europeu. In: MARINHO, Maria de Fátima; AMARAL, Luís Carlos; TAVARES, Pedro Vilas-Boas (Coord.). *Revisitando Herculano no bicentenário de seu nascimento*. Porto: FLU, 2013. p. 19-24.
- CRAIG, Gordon. *The Germans*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1981.
- FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Série Princípios).
- FERREIRA, Alberto. *Perspectiva do romantismo português*. Lisboa: Litexa, 2007.
- FERREIRA, Maria Ema Tarracha. Introdução. In: HERCULANO, Alexandre. *Lendas e narrativas*. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores, 1998. p. 48.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *História da literatura romântica portuguesa*. São Paulo: Anchieta, 1946.
- FRANÇA, José-Augusto. *O romantismo em Portugal*. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- FRIEDMAN, Norman. Point of View in Fiction: the Development of a Critical Concept. In: STEVICK, Philip (ed.). *The Theory of the Novel*. New York: The Free Press, 1967. p. 119-120.

³⁸ Lembramos que Tácito é o autor de *Germânia* (98 d.C.), obra histórico-etnográfica que descreve as tribos germânicas habitantes nas fronteiras do Império Romano.

- HEISE, Eloá; RÖHL, Ruth. Sturm und Drang. In: HEISE, Eloá; RÖHL, Ruth. *História da literatura alemã*. São Paulo: Ática, 1986. p. 46-47.
- HERCULANO, Alexandre. De Jersey a Granville (1831). In: HERCULANO, Alexandre. *Scenas de um anno de minha vida e apontamentos de viagem*. Lisboa: Bertrand, 1934. p. 20.
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos*. Lisboa: Bertrand, 2006. E-book. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/18330/pg18330.html>. Acesso em: 5 fev. 2023. t. IX.
- LIEBEL, Vinícius. A *Kultur* alemã: literatura. In: *Os alemães*. São Paulo: Contexto, 2018 (Coleção Povos & Civilizações). p. 114.
- MEDEIROS, Constantino Luz de. *A invenção da modernidade literária: Friedrich Schlegel e o Romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras; UFMG, 2018.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva. Pré-Romantismo. In: BERNARDES, José Augusto Cardoso *et al.* *Biblos: enciclopédia VERBO das literaturas de língua portuguesa*. Lisboa: Verbo, 2001. p. 423.
- NEMÉSIO, Vitorino. *A mocidade de Herculano*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1934.
- NOVALIS. *Sämmtliche Werke*. Illinois: AbeBooks, 2018. v. III.
- NUNES, Ângela Maria Pereira. José Saramago em tradução alemã. *Babilónia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*. Lisboa, n. 4, p. 101-110, 2006, Edições Universitárias Lusófonas. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/1948>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 52-53.
- OLIVEIRA, Maria Filipa Avelar Duarte S. de. *Alexandre Herculano e a tradução*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução). Universidade Aberta, Lisboa, Portugal, 2008.
- PASSOS, Marie-Hélène Paret. *Da criação genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade*. Vinhedo: Horizonte, 2011.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O significado da tradução e a tradução do significado. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 63-139, jul./dez. 2001. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/1ff2/d5cd-f4f6f231f38dff75fe403b78490601d1.pdf?_gl=1*_hstzz5*_ga*NjE2ODI1MDk2LjE3MDI1ODQ1NzQ.*_ga_H7P4ZT52H5*MTcwOTA1NjY1MS4yLjAuMTcwOTA1NjY1Mi41OS4wLjA. Acesso em: 13 jun. 2023.
- REIS, Carlos; PIRES, Maria da Natividade. *História crítica da literatura portuguesa*. Lisboa: Verbo, 1999. v. V: O Romantismo.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo: uma questão alemã*. Tradução Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SANTANA, Vanete Dutra. *O papel do Estado na sociedade liberal portuguesa, segundo Alexandre Herculano*. Campinas: 1999. (manuscrito).
- SANTANA-DEZMANN, Vanete Dutra. As belles infidèles e os românticos alemães. *Belas Infééis*, Brasília, v. 5, n. 3, p. 89-105, 2016. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v5.n3.2016.11401>.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/11401>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SANTIAGO, Rúbia de Nazaré Duarte. A tradução de poemas de língua alemã no jornal Folha do Norte. *Texto Poético*, [s. l.], v. 9, n. 14, p. 68-83, 2013. DOI: <https://doi.org/10.25094/rtp.2013n14a25>. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/25>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SCHEEL, Márcio. A tradução como mapa do mundo e como reconhecimento do outro. *Estado da Arte: revista de cultura, artes e ideias*, São Paulo, 16 fev. 2021. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/traducao-lingua-mscheel/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos da tradução. Tradução Celso R. Braidá. In: HEIDERMANN, Werner. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Tradução Margarete von Mühlen Poll *et al.* Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2001. v. 1: Alemão-Português.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.

SIMÕES, João Gaspar. A voga das traduções. In: *História da poesia portuguesa*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1956. v. II. p. 93-94.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução Carlos Alberto Faraco. Curitiba: UFPR, 2005.

WOLF, Norbert. *A pintura da era romântica*. Tradução Isabel Falcão. Lisboa: Taschen, 1999.

APÊNDICE A – Lista de traduções herculanianas

I – Poemas

1 Do francês

- 1.1 (1837) “O secar das folhas”, de Charles Millevoye;
- 1.2 (1837) “O canto do cossaco”, de Pierre Béranger;
- 1.3 (1837) “O cão do Louvre”, de Casimir Delavigne;
- 1.4 (1850) “A costureira e o pintassilgo morto”, de Alphonse de Lamartine.

2 Do inglês

- 2.1 (1835/1836: duas versões), “Afonso e Isolina”, de Matthew G. Lewis;
- 2.2 (1837) “Roma”, de Lord Byron;
- 2.3 (1838) “A noiva do sepulcro”, de origem folclórica;
- 2.4 (1838) “Convento da Pena em Sintra”, de Lord Byron;
- 2.5 (1844) Três estrofes de *A peregrinação de Childe Harold*, de Lord Byron.

3 Do italiano

- 3.1 (1873) “Canto I” (fragmento) em *Orlando furioso* (1516), de Ariosto.

4 Do latim

- 4.1 (1844) “Epígrafes capitulares” para *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano;
- 4.1 (1888) “Cântico ou Hino de Ramos”, de Teodulfo de Orleães.

II – Teatro

1 Do francês

1.1 (1838) *Tinteiro não é caçarola*, de Augustin Scribe e Joseph Mélesville.

APÊNDICE B – Lista de artigos herculanianos sobre outras culturas³⁹

- 1 (1834) “*História literária da Itália*, por Guinguene, continuada por Salfi, seu colaborador”. *Repositório Literário*, Porto, n. 4;
- 2 (1837) “A Suíça: o cantão de Vaud e a sua capital, Lausana”. *O Panorama*, Lisboa, n. 18, s. a.;
- 3 (1837) “Gazetas dos Romanos”. *O Panorama*, Lisboa, n. 29, s. a.;
- 4 (1837) “Ilha de Cós, ou Stancho”. *O Panorama*, Lisboa, n. 23, s. a.;
- 5 (1837) “Tasso”. *O Panorama*, Lisboa, n. 9, s. a.;
- 6 (1837) “Tomada de Ormuz”. *O Panorama*, Lisboa, n. 17, s. a.;
- 7 (1837) “Judeus em Portugal”. *O Panorama*, Lisboa, n. 3, s. a.;
- 8 (1838) “Cervantes”. *Diário do Governo*, Lisboa, n. 38, s. a.;
- 9 (1838) “Jerusalém”. *O Panorama*, Lisboa, n. 49, s. a.;
- 10 (1838) “Cerimônia dos judeus modernos”. *O Panorama*, Lisboa, n. 73, s. a.;
- 11 (1838) “Malta”. *O Panorama*, Lisboa, n. 76, s. a.;
- 12 (1838) “Vasos etruscos”. *O Panorama*, Lisboa, n. 55, s. a.;
- 13 (1838) “Olivério Cromwell”. *O Panorama*, Lisboa, n. 24, s. a.;
- 14 (1839) “Teatro espanhol”. *O Panorama*, Lisboa, n. 95; 99; 108, s. a.;
- 15 (1839) “Ariosto”. *O Panorama*, Lisboa, n. 99, s. a.;
- 16 (1839) “Memória sobre os pesos e medidas de Portugal, Espanha, Inglaterra e França [...]”. *O Panorama*, Lisboa, n. 95, s. a.;
- 17 (1840) “Conquista de Malaca”. *O Panorama*, Lisboa, n. 60-61, s. a.;
- 18 (1843) “De Jersey a Granville”. *O Panorama*, Lisboa, n. 70-73, s. a.;
- 19 (1846) “Guerra e casamento há sete séculos na Espanha”. *O Panorama*, Lisboa, n. 3, s. a.;

³⁹ Indicamos os artigos não assinados por Alexandre Herculano, mas a ele atribuíveis, com a abreviatura final *s. a.* (sem autor). Ver BRITO, J. J. Gomes de *et al.* Continuação. In: SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1923.

- 20** (1847) “Futuro literário de Portugal e do Brasil: por ocasião da leitura dos *Primeiros cantos* – poesias, do Sr. A. Gonçalves Dias”. *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, n. 1;
- 21** (1851) “A Batalha d’Ourique e a ciência arábico-acadêmica”. *Opúsculos*, Lisboa, t. III;
- 22** (1854) “Roma e o clero”. *Almanaque Democrático*, Lisboa, n. 1;
- 23** (1875) “Brahma, Vishnu e Shiva”. *Almanaque das Senhoras*, Lisboa, n. 4;
- 24** (1881) “Da existência ou não do feudalismo nos reinos de Leão, Castela e Portugal”. *Opúsculos*, Lisboa, t. V;
- 25** (1910) “Conversão dos godos ao catolicismo”. In: HERCULANO, Alexandre. *Cenas de um ano da minha vida e apontamentos de viagem*. Lisboa: Livraria Bertrand 1934.

APÊNDICE C – Lista de artigos herculanianos sobre tradução

- 1** (1834) “Leonor: romance de Bürger. Introdução à tradução do poema”. *Repositório Literário*, Porto, n. 5;
- 2** (1835) “Poesia: imitação – belo – unidade”. *Repositório Literário*, Porto, n. 7;
- 3** (1836) “A noite do castelo (1836) e *Ciúmes do bardo* (1836): poemas seguidos de *Confissão de Amélia*, traduzida de M.elle Delfine Gay, pelo Sr. A. F. de Castilho”. *Jornal de Sociedade dos Amigos das Letras*, Lisboa, n. 1, v. 12;
- 4** (1837) “Homero”. *O Panorama*, Lisboa, n. 5, v. 1, s. a.;
- 5** (1837) “Galicismos”. *O Panorama*, Lisboa, n. 7, v. 1, s. a.;
- 6** (1837) “Poesia. Introdução à tradução do poema ‘O cão do Louvre’, de Delavigne”. *O Panorama*, Lisboa, n. 8, v. 1;
- 7** (1838) “*Ivanhoe* (1819): novela de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa”. *Diário do Governo*, Lisboa, n. 91, v. 4;
- 8** (1838) “*Ivanhoe* traduzido em vulgar”. *O Panorama*, Lisboa, n. 52, v. 2;
- 9** (1838) “*Lições de boa moral, de virtude e de urbanidade*, pelo Sr. D. José Urcullu, traduzidas do espanhol pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho”. *O Panorama*, Lisboa, n. 85, s. a.;
- 10** (1839) “*Quintino Durward* (1823): novela de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa. A mesma obra traduzida pelo Dr. C. L. Moura”. *O Panorama*, Lisboa, n. 103, v. 3;
- 11** (1839) “*Godofredo ou Jerusalém libertada* (1581). Poema de Tasso vertido em português pelo Dr. André Rodrigues de Mattos (Canto I. Estrofes 20 a 29)”. *O Panorama*, Lisboa, n. 1, v. 3, s. a.;

- 12** (1840) “*Elízer* (1812): poema de Florian vertido em português”. *O Panorama*, Lisboa, n. 148, v. 4;
- 13** (1844) “*Anna de Geierstein, ou a donzela do nevoeiro* (1829): novela de Walter Scott, traduzida pelo Sr. A. J. Ramalho e Sousa”. *O Panorama*, Lisboa, n. 156, v. 3;
- 14** (1844) “Reflexões etnográficas, filológicas e históricas: a propósito de uma publicação recente sobre a origem céltica da língua portuguesa”. *O Panorama*, Lisboa, n. 156, v. 3;
- 15** (1856) “Acerca do poema Paquita”. *Revista Peninsular*, Lisboa, n. 1, v. 2.
- 16** (1856) “Cartas a Soares de Passos sobre *Poesias*”. In: *Cartas*. Lisboa: Bertrand, [1857?].
- 17** (1872) “Cartas a Sra. D. Guiomar Torrezão”. In: HERCULANO, Alexandre *et al.* *Trechos literários de Alexandre Herculano e cartas do mesmo e de outros escritores ilustres a Guiomar Torrezão*. Lisboa: Leiria, 1910.
- 18** (1877) “Cartas a B. Barros de Gomes”. In: NEMÉSIO, Vitorino. *Cartas de A. Herculano*. Lisboa: Bertrand, [1858?].